

NAS PÁGINAS DA RESISTÊNCIA

O Pasquim, o Cinema Novo e o Marginal



Material de Apoio Pedagógico

Produto desenvolvido a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em História

ÁLVARO BRAGA

2026

APRESENTAÇÃO

Esta cartilha apresenta o debate entre Cinema Novo e Cinema Marginal nas páginas d'O Pasquim durante a ditadura militar brasileira.

O Pasquim foi um jornal de humor criado em 1969 que enfrentou a censura com irreverência. O Cinema Novo foi um movimento cinematográfico de denúncia social. O Cinema Marginal foi sua ruptura radical.

Aqui você encontra informações sobre cada um desses movimentos e sobre o debate que o Pasquim ajudou a colocar em cena.

O INÍCIO DO SILENCIO

Em dezembro de 1968, o governo militar implantou o Ato Institucional Número 5 (AI-5).

O AI-5 suspendeu direitos constitucionais, fechou o Congresso e permitiu a censura à imprensa, ao teatro, ao cinema e à música.

Artistas, jornalistas e intelectuais foram perseguidos, presos ou exilados.

A produção cultural passou a ser vigiada por órgãos como a DCDP (Divisão de Censura de Diversões Públicas).

Foi nesse ambiente de repressão que o Pasquim surgiu, em 1969.



27º Presidente do Brasil, Arthur Costa e Silva (1968)

A RESISTÊNCIA CULTURAL



O Pasquim. Edição 524 (1979)

Apesar da censura, muitos artistas e jornalistas continuaram produzindo.

A Imprensa Nanica surgiu como um canal de oposição ao regime.

Jornais como O Pasquim usavam o humor, a ironia e a linguagem indireta para escapar da censura.

O cinema também foi um espaço de resistência. O Cinema Novo denunciava a miséria e a desigualdade. O Cinema Marginal usava a precariedade como arma estética contra o sistema.

Esses movimentos encontraram no Pasquim um espaço para debater seus projetos.

O PASQUIM

O Pasquim foi criado em 1969, no auge da ditadura militar.

Era um jornal de humor, com charges, entrevistas e textos irreverentes.

Sua tiragem chegou a 250 mil exemplares por semana.

Enfrentou censura, prisões e repressão.

A equipe era formada por Jaguar, Ziraldo, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Paulo Francis e outros.

O jornal funcionava como um espaço de resistência cultural.

Sua linguagem era informal, debochada e propositalmente "caótica".



O Pasquim. Edição 23 (1969)

O CINEMA NOVO



Deus e o Diabo na Terra do Sol, Glauber Rocha, 1964

O Cinema Novo foi um movimento cinematográfico brasileiro dos anos 1960.

Seus diretores principais: Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade.

Defendiam uma "estética da fome" — um cinema "feio", "sujo", de denúncia social.

Criticavam a miséria, o coronelismo, a desigualdade.

Buscavam uma arte engajada, que dialogasse com o povo.

O movimento sofreu com a censura após o golpe de 1964.

O CINEMA MARGINAL

O Cinema Marginal surgiu no final dos anos 1960 como reação ao Cinema Novo.

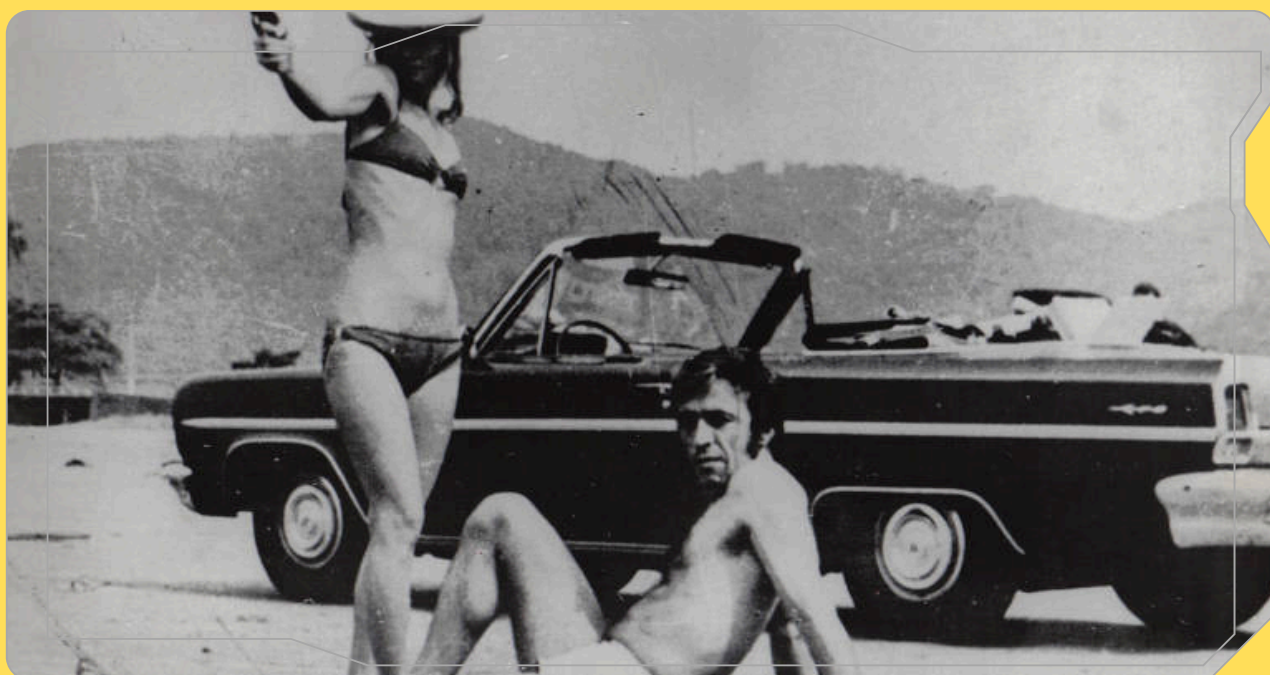
Seus diretores principais: Rogério Sganzerla, Júlio Bressane, Ozualdo Candeias.

Defendiam uma "estética do lixo" — imagens granuladas, som precário, narrativa fragmentada.

Usavam o deboche, a ironia e a violência como armas estéticas.

Recusavam qualquer compromisso com o mercado ou com a comunicação de massa.

O filme mais famoso do movimento é *O Bandido da Luz Vermelha*, de Sganzerla (1968).



O Bandido da Luz Vermelha, Rogério Sganzerla, 1968

O DEBATE NO PASQUIM



O Pasquim. Edição 33 (1970)

Em fevereiro de 1970, o Pasquim publicou uma entrevista com Rogério Sganzerla e Helena Ignez (Edição 33).

Sganzerla acusou o Cinema Novo de ter se tornado "elite, paternalizador, conservador, de direita".

Ele dizia que o Cinema Novo havia perdido sua "informação inicial que era quase essencialmente brasileira".

Helena Ignez afirmou que se sentia "intoxicada de cinema novo" e que precisou se afastar.

Ao mesmo tempo, o Pasquim mantinha Glauber Rocha como colaborador regular, publicando artigos e entrevistas suas.

O jornal não tomou partido na disputa — publicou os dois lados e colocou o debate em cena.

O Pasquim funcionava como um espaço de diálogo e tensão entre diferentes correntes da cultura brasileira.

Sua postura editorial era aberta ao dissenso — o que era um ato de resistência em um contexto de censura.



O Pasquim. Edição 27 (1969)

PARA REFLETIR

1. Por que um jornal de humor se interessou por um debate entre cineastas?
2. Qual a diferença entre a "estética da fome" e a "estética do lixo"?
3. Por que Sganzerla acusou o Cinema Novo de ser "de direita"?
4. O que significa dizer que o Pasquim "colocava o debate em cena"?
5. Em um contexto de censura, qual a importância de um jornal que publica opiniões divergentes?

PARA SABER MAIS

Filmes:

- Deus e o Diabo na Terra do Sol (Glauber Rocha, 1964)
- Terra em Transe (Glauber Rocha, 1967)
- O Bandido da Luz Vermelha (Rogério Sganzerla, 1968)
- Macunaíma (Joaquim Pedro de Andrade, 1969)
- Matou a Família e Foi ao Cinema (Júlio Bressane, 1969)

Livros:

- KUCINSKI, Bernardo. Jornalistas e militantes.
- XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento.
- RAMOS, Fernão. Cinema marginal (1968-1973).

Documentário:

- O Pasquim - A Subversão do Humor (Murilo Salles, 2004) — disponível no YouTube.

Onde acessar as edições do Pasquim:

- Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (acesso gratuito).